



Paulo Henrique Dantas cursou Ciências Sociais na UERJ, tendo concluído a licenciatura em 2002 e o mestrado em 2005. É hoje professor de Sociologia para o Ensino Médio na rede pública estadual do Rio de Janeiro, atuando nas cidades de Macaé e Rio das Ostras. Em 2012, recebeu o Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos.

EMAIL

Paulohdantas.cap@gmail.com

1) Por que você escolheu cursar Ciências Sociais? E por que escolheu a UERJ?

Minha escolha foi bastante intuitiva. Eu havia concluído o ensino médio em 1986, com dezenove anos. O país vivia a transição para o chamado período democrático, e a universidade era um sonho bem distante para jovens moradores da periferia como eu. Sendo assim, terminei a educação básica e fui trabalhar. Não tive, por bastante tempo, a vida acadêmica em meu horizonte. Assim como grande parte dos meus amigos mais próximos também não tinham. Ah, e também nenhuma ideia do que cursar. Foi quando um dia, em 1992, li, no jornal "O Dia", uma entrevista de Herbert de Souza, o Betinho ("o irmão do Henfil" da canção clássica de Aldir Blanc e João Bosco). Betinho falava sobre assassinato de crianças moradoras nas ruas das grandes cidades, e fiquei muito impactado com a entrevista. Naquele momento, sem sequer saber o que era Sociologia, ao ver que Betinho era sociólogo, decidi o que cursaria. Comprei, dias depois, num sebo na Praça Tiradentes, um Manual de Sociologia e li por vários dias a obra, empolgado. No ano seguinte, decidi fazer o vestibular para Ciências Sociais. Não havia sistema de cotas ainda. Fiz para a UFF e UERJ, tendo sido aprovado em ambas. Acabei optando pela UERJ por conta da proximidade com a minha casa: eu morava no bairro do Lins, uns 15 ou 20 minutos de distância de ônibus.

2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Ciências Sociais? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?

Comecei a graduação aos 27 anos. Como falei anteriormente, ao concluir o ensino médio, ingressei no mercado de trabalho. Primeiro, em duas fábricas de plástico, na Penha e em Inhaúma, e, em seguida, em um posto de gasolina no Engenho Novo, próximo de onde eu morava. Fiz toda minha graduação trabalhando em postos de gasolina: Vicente de Carvalho, para onde me mudei depois de casar, e depois, Laranjeiras. O período em Vicente de Carvalho foi de muitas dificuldades, quando tive que trancar minha matrícula (1995/96), pois trabalhava de manhã e estudava à noite, e tive dificuldades de conciliar as responsabilidades. Retomei em 1997, quando passei a estudar de manhã: saía da universidade direto para o posto de gasolina, na rua das Laranjeiras, onde trabalhava de 14h às 22h. Todos os dias, com uma folga na semana, às quartas-feiras, e um domingo no mês.

3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?

Meu pai era motorista particular de um militar de alta patente, que morava no Leblon, e minha mãe, dona de casa. Não foi muito fácil explicar para eles o que eu desejava cursar. O contexto da época não favorecia muito minha explicação, pois a palavra "sociologia" era bem menos conhecida do que hoje. Meu pai, por exemplo, só sabia que era uma disciplina que os militares não gostavam. Lembro que minha mãe ficou orgulhosa por ter o filho mais velho na universidade, mesmo sem saber explicar bem o que eu estudaria. Alguns parentes diziam que eu ia me envolver com política e apanhar da polícia. Mas respeitaram minha escolha. Meus irmãos, mais novos (uma irmã e um irmão), foram indiferentes à época.

4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por que?

Posso dizer que na minha graduação oscilei muito entre autores da Antropologia e da Sociologia. A ideia de trabalho de campo sempre me agradou, desde a leitura de textos de Malinowski e Clifford Geertz, no início do curso. "Notas sobre a briga de galos em Bali", de Geertz, é um texto que ainda hoje me vem à lembrança quando estou conversando sobre pesquisa, campo, etc. Entrevistar pessoas para confirmar algumas hipóteses, para produzir conhecimento, era algo que me atraía. O conceito de "indústria cultural", desenvolvido por autores da Escola de Frankfurt, também era algo que me chamava muito a atenção, uma vez que à época eu também era atraído por estudos relacionados à mídia. Os chamados "três clássicos" da Sociologia (Durkheim, Weber e Marx) eram vistos por mim como leitura obrigatória, mas à época encontrava dificuldades no entendimento de alguns textos. Mas penso que os conceitos de "fato social", de Durkheim, "ação social", de Weber, e "classe social", de Marx, merecem destaque até por serem conceitos que trabalho ainda hoje, com alunos do ensino médio. Uso quase como um pontapé inicial de cada ano letivo. Já no final do curso comecei a me interessar também por estudos sobre violência urbana, e aí tive acesso ao livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, que me marcou muito, onde ele descreve o surgimento e a lógica do sistema prisional. Então, acho que posso dizer, simplificando, que minha trajetória na graduação foi: do interesse em textos antropológicos, centrados na ideia de

trabalho de campo, passando por estudos voltados à indústria cultural, terminando por análises sobre a violência urbana.

5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação?

Concluí o curso em 2002, ainda trabalhando em um posto de gasolina nas Laranjeiras, e no ano seguinte ingressei no Mestrado, também na UERJ. A disciplina Sociologia ainda não era obrigatória no Ensino Médio, mas algumas escolas já a ofereciam. Alguns professores me incentivaram a ingressar no Mestrado, logo após a conclusão da graduação. Eu era um pouco inseguro, mas resolvi tentar e fui selecionado. Como fui um dos primeiros colocados, estava apto a receber uma bolsa de estudos, da Faperj, e aí, como também realizava um serviço como freelancer para uma editora, achei que era possível pedir demissão do serviço no posto e me dedicar com mais intensidade aos estudos, visando algum concurso público. E em 2004 tomei conhecimento que a cidade de Macaé, na região Norte Fluminense, havia divulgado um concurso público para cinco vagas de Sociologia (havia outras disciplinas também: a prefeitura, devido à abundância de recursos advindos dos royalties do petróleo, estava assumindo o ensino médio, uma atribuição constitucional dos governos estaduais). A cidade oferecia um salário acima da média, e decidi tentar. Tirei o terceiro lugar no processo seletivo e em agosto de 2004, tomei posse. Quatro anos depois ingressaria também na rede estadual do Rio, passando em primeiro lugar na região Norte Fluminense, no concurso público de 2008. Dos meus tempos de estudante até a minha trajetória profissional, muita coisa mudou em relação ao acesso à universidade por conta do sistema de cotas, e por dar aulas no ensino médio, desde os primeiros dias entendi que um dos meus papéis era tentar fazer alunos e alunas acreditarem que era possível chegarem à academia. Nunca abri mão disso. Tenho ex-alunos e ex-alunas que já passaram pela UERJ e que estudam na UERJ. Um dos mais próximos, inclusive, no momento cursa o Mestrado em Ciências Sociais. Estuda com alguns dos meus professores e professoras. E mora em Macaé, vai e volta aos finais de semana. Hoje, passados 16 anos lecionando Sociologia, entendo que fiz a escolha profissional correta, ao optar pela escola pública. Penso que a UERJ me proporcionou o contato com colegas que viviam dificuldades parecidas com as minhas por não terem muitas vezes dinheiro para pagarem a cópia de centenas de texto, ou adquirirem

livros importantes. A noção destes obstáculos à época me permite ter conversas francas com alunos pobres que desejam ingressar na universidade.

6) Houve algum episódio na graduação que você destacaria como marcante para a forma como enxerga e atua no mundo?

Creio que as situações de dificuldades para concluir o curso, uma vez que o mesmo, assim como todos os cursos universitários, não é pensado para o aluno que vem dos setores menos favorecidos, me ensinaram muito. E aí, muitas vezes, você vai conseguir concluir por conta da iniciativa individual de alguns professores, que incentivam com palavras, com uma atenção que não é típica do ambiente acadêmico. Penso que o destaque dado a alguns trabalhos que fiz ao longo da graduação, por professores que fizeram questão de me chamar para dizer o que estava legal, por onde eu devia caminhar, serviram de exemplo para que eu buscasse também ter esta postura diante de trabalhos de alguns alunos do ensino médio. Não à toa, tenho um grupo razoável de alunos e alunas que cursaram ou cursam Ciências Sociais, na UERJ, na UFF em Niterói e Campos, e na UENF, também em Campos. E mantemos o contato ainda hoje. Penso que a minha colação de grau também foi marcante, com o juramento que prestamos de defender os direitos humanos enquanto cidadão e profissional. Isso é muito simbólico para mim ainda hoje, pois desenvolvi um programa, a partir de 2011, de Estudos em Direitos Humanos no colégio municipal de Macaé (é um Colégio de Aplicação, inspirado nos modelos dos CAPs da UERJ e UFRJ), que resultou em um prêmio nacional de Educação em Direitos Humanos no ano seguinte. E sempre que vou fazer palestras sobre tal tema, faço referência à minha colação de grau. Percebo que o perfil dos alunos da UERJ mudou um pouco, ela se tornou mais popular, por conta da política de cotas, o que a tornou ainda mais especial para mim.

7) De que forma as Ciências Sociais estão presentes na sua atuação profissional?

Procuro muito estimular em meus alunos o gosto pela pesquisa, despertar a curiosidade por temas caros a cada um, presentes em uma cidade cheia de problemas e umas das mais desiguais do Brasil. Conhecida como a

capital do petróleo, Macaé hoje possui cerca de 250 mil habitantes, mas problemas típicos das metrópoles, como

uma violência que só cresce. E grande parte dos meus alunos vive essa realidade de perto. Então, algumas atividades estão presentes todos os anos com minhas turmas: visita à Câmara Municipal de Vereadores, para assistir a uma sessão ordinária, e aí discutimos os conceitos trabalhados em sala, como Estado, parlamento, governo, etc. E eles levam isso para a vida depois. Aqui há a presença muito forte do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, e quando estudamos o conteúdo de movimentos sociais, levo as turmas aos assentamentos (o que já me trouxe alguns problemas, devido ao atual momento). É a ideia do trabalho de campo mais uma vez presente. Procuro, entre acertos e erros, fazer com que conciliem a teoria com a prática, através de contato direto com realidades e pessoas que possibilitem fazer o link entre conceitos e o cotidiano. Este trabalho faz com que eu receba convites para fazer palestras em algumas escolas e participar de debates em universidades, além de vez ou outra, dar entrevistas em jornais locais da região. Enfim, me sinto muito realizado ensinando Sociologia para jovens e me envolvendo nestas atividades externas.

Entrevista concedida em 27 de junho de 2020.